

**UM SERTÃO DE ÁGUAS E DE LETRAS<sup>1</sup>****ABACK COUNTRY WATER SAND LETTERS****UN CAMPO DE AGUAS Y DE LETRAS**ALAN KARDEC GOMES PACHÊCO FILHO<sup>2</sup>

Prof. Dr. Universidade Estadual do Maranhão.

São Luís, Maranhão, Brasil.

[alankardecpacheco@uol.com.br](mailto:alankardecpacheco@uol.com.br)

**Resumo:** O Sertão está consolidado no pensamento social brasileiro como região árida, de sol inclemente, refratário e oposto ao litoral. Esta dualidade permeia a historiografia concernente ao tema. Neste artigo, mostro um *sertão* dessemelhante, *locus* da nascente dos principais rios maranhenses, através dos quais os portugueses interiorizaram a colonização. Nesta “mesopotâmia” erigiram escolas de ler e escrever e no final do século dezenove, realizavam serões de leitura também chamados de “roda de amigos” para discutir política, literatura, história, prosadores e poesia realizados na Vila da Chapada. João Parsondas de Carvalho e Carlota Carvalho já no século vinte foram intelectuais e legítimos representantes desse *sertão* de letras.

**Palavras-chave:** Maranhão. Sertão. Rios. Intelectuais.

**Abstract:** The Backwoods is consolidated in brazilian social thought as arid region of inclement refractory and opposite coast sun. This duality permeates the historiography related to the theme. In this article, I show one unlike backwoods, east of the main locus of Maranhão rivers, through which the Portuguese internalized colonization. This “Mesopotamia” erected schools to read and write and in late nineteenth century, evenings reading or “wheels of friends” to discuss politics, works, poetry and prose writers were in the town of Chapada. Johan Parsondas de Carvalho e Carlota Carvalho were intellectuals and legitimate representatives of that wilderness of letters.

**Keywords:** Maranhão. Backwoods. Rivers. Intellectuals.

**Resumen:** El Campo está consolidado en el pensamiento social brasileño como región árida, de sol inclemente y opuesto al litoral. Esta dualidad absuelve la historiografía concerniente al tema. En este artículo, se presenta un campo que no es semejante, sitio de la naciente de los principales ríos del Maranhão, a través de los cuales los portugueses interiorizaron la colonización. En esta “Mesopotamia” erigieron escuelas para leer y escribir y al fin del siglo diecinueve, momentos de lectura o grupos de amigos para discutir política, obras, prosas y poesía eran realizadas en la *Vila da Chapada*. Joao Parsondas de Carvalho y Carlotas Carvalho fueron intelectuales y legítimos representantes de ese campo de las letras.

**Palabras clave:** Maranhão. Campo. Ríos. Intelectuales.

O verbete *sertão* há muito está posto, e, desde sempre, com o mesmo significado. O que mudou, foi sua grafia. Houve *sertão* em todas as regiões onde império português estabeleceu *domínio* territorial. Algum tempo depois, reconhecemos e “fixamos” as

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em 12/06/2014 e aprovado para publicação em 28/06/2014.

<sup>2</sup> Professor Adjunto II do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

\*Este texto é fragmento de um projeto em desenvolvimento sobre os intelectuais do Sertão maranhense.

“fronteiras” dos nossos próprios sertões. A *intelligentsia brasileira*, matriciou o *sertão* como sendo o euclidiano. O próprio Euclides nominou sua obra de: Os Sertões. Desde então, identificamos o *sertão* como a espacialidade que compreende o Nordeste (especialmente o do Vaza Barris), como se não existissem outros. Ele (o Nordeste) foi, e é identificado com os vários *falares*, sabores e o homogeneizamos musicalmente.

Entretanto, falarei do Sertão dos Pastos Bons, região por onde começou a ocupação para fins de colonização do centro sul maranhense. Extremamente rico hidrograficamente mereceu de Carlota Carvalho<sup>3</sup> a alcunha de “mesopotâmia parnaibana e tocantina”, clara alusão à quantidade de rios ali nascidos os quais vão se constituindo em importantes contributos para as bacias que auxiliam na formação dos rios Parnaíba e Tocantins. A designação *Pastos Bons*, dada pelos invasores vindos da Bahia, foi em virtude de uma gramínea nativa e comum à quase toda região da qual o gado *vacum* e cavalari utilizavam como alimento.

Francisco de Paula Ribeiro provavelmente o maior conhecedor dos sertões maranhenses e um especialista no sertão dos Pastos Bons, ao referir-se à quantidade e a qualidade dos rios nascidos na região, assim se expressou:

Observando-se que entre a boca do referido Parnaíba e a do rio Turi, no mar do Maranhão, saem ao longo da costa os principais rios que acompanham quase toda a latitude desta capitania, e que vem a ser além daqueles célebres Itapecuru e o Mearim, ambos com suficiente largura e fundo mais ou menos navegável até suas cabeceiras; se observa também como naqueles altos sertões se ajuntam a estes rios os de Balsas, Balsinhas, Alpercatas, Neves, Macapá, Canela e Grajaú, regando a parte superior da mesma capitania neste dito distrito de Pastos Bons, o mais precioso espaço que ela contém e no qual geralmente nascem todos os mesmos rios: proporção primeira pela qual se vê ser ele a sua parte mais nervosa, e que, por infinitas circunstâncias das suas propriedades vantajosas, pode bem ministrar para a respectiva capital, ou para toda a beira mar, as prodigiosas forças que ela lhe desconhece, porque o tem até hoje esquecido e quase como de si apartado<sup>4</sup>.

Como é perceptível Paula Ribeiro realça a importância dos rios ali nascidos e que mais tarde seriam utilizados como importantíssimas vias de navegação fluvial (Itapecuru, Mearim, Grajaú, Balsas, Alpercatas) que tanto incrementou o comércio entre o sertão e o litoral do Maranhão e do Piauí, e que, por seus afluentes se comunicavam com as bacias dos Rios Parnaíba e Tocantins. Nos vales úmidos do rio Itapecuru ao longo do século XIX se

---

<sup>3</sup>CARVALHO, Carlota. *O Sertão: Subsídio para a História e a Geografia do Brasil*. Imperatriz – MA: Ética Editora, 2000. p. 100.

<sup>4</sup>RIBEIRO, Francisco de Paula. Descrição do Território de Pastos Bons nos Sertões do Maranhão; Propriedades de seus terrenos, suas produções, caráter dos seus habitantes colonos e estado atual dos seus estabelecimentos. In: FRANKLIN, Adalberto. CARVALHO, João Renôr F. de. Francisco de Paula Ribeiro. *Desbravador dos sertões de Pastos Bons: A base geográfica e humana do Sul do Maranhão*. Imperatriz – MA: Ética, 2007. p. 146-147.

desenvolveram a cotonicultura e a rizicultura que muito contribuíram com a economia maranhense. Não obstante, podemos mencionar ainda os rios Manoel Alves Grande e o rio Pindaré. Todos os rios aqui citados, sem exceção rios “sertanejos” que abastecem algumas das principais cidades maranhenses inclusive sua Capital.

A “mesopotâmia” atraiu para o seu interior e para o seu entorno um sem número de homens, mulheres e “todos os espíritos liberais da capital, isto é, os homens de melhor cultura intelectual, mais conscientes, mais altruístas e mais amigos da liberdade”<sup>5</sup>. Distante das principais capitais nordestinas e vivenciando todas as dificuldades inerentes aos sertões, o do Pastos Bons serviu de esconderijo para alguns dos participantes da Revolução Pernambucana de 1817, da Confederação do Equador de 1824, da Setembrada e da Balaiada ambas ocorridas de 1831.

Esses homens criaram escolas de ler e de escrever em pleno sertão e como nos relata Carlota Carvalho<sup>6</sup>, no minúsculo povoado Campo Largo, fundaram “uma escola em que eram ensinados aritmética, português e latim” comandada por Diogo Lopes de Araújo Sales. Segundo a autora “naquele tempo e naquele meio, Militão Bandeira Barros era o homem de maior cultura intelectual e bem desenvolvida inteligência”. Filho de Antônio Bandeira Barros, um militar português com uma negra. Sobre a intelectualidade de Militão Bandeira Carlota Carvalho diz que:

Tinha o gosto das letras, possuía muitos livros, não para o ornato da sala, mas para lê-los, instruir-se e discutir assuntos literários e históricos. Todas as tarde reunia em sua casa de Grajaú, simpatizantes da literatura, economia, indústria, geografia, fatos históricos, geologia e descobertas do espírito humano, para agradáveis debates hauridos em livros<sup>7</sup>.

Essa tertúlia ficou conhecida em todo sertão maranhense como “roda de amigos”. Homens dos municípios vizinhos que apreciavam a cultura não raro enfrentavam as longas distâncias, deslocavam-se até Grajaú para participarem da “roda de amigos”, comandada por Militão Bandeira. A Academia de Letras de Grajaú foi criada inspirada na “roda de amigos” e tem o nome do incentivador cultural de antanho Militão Bandeira Barros.

Neste texto uso o conceito de *intelectual* de Carlo Marletti que “designa uma categoria ou classe social particular, que se distingue pela instrução e pela competência,

---

<sup>5</sup> CARVALHO, Carlota. *O Sertão: Subsídios para a História e a Geografia do Brasil*. Imperatriz – MA: Ética Editora, 2000. p.106.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p.142.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p.143.

científica, técnica ou administrativa, superior à média”<sup>8</sup>. Os dois intelectuais dos quais falarei a seguir, foram sobejamente reconhecidos por seus contemporâneos, João Parsondas de Carvalho e Carlota Carvalho eram irmãos, residiam e escreveram sobre o mesmo sertão e quase sempre sobre os mesmos temas, contudo com interpretações bem diferentes, vejamos:

### **João Parsondas de Carvalho: um intelectual múltiplo**

João Parsondas de Carvalho exerceu as profissões de jornalista, professor, historiador, geógrafo e advogado – todas como autodidata. Estudioso do sertão maranhense e de sua gente foi um intelectual respeitado por quantos o conheceram. Natural da vila do Riachão, pouco divulgado e conhecido fora das Academias de Letras da região sertaneja, é autor de uma obra sucinta, mas vigorosa.

Viajava frequentemente pelo interior dos estados de Goiás, Maranhão e Pará, e às vezes fixava residência em alguma localidade. Mesmo sendo por um curto período, se integrava de tal modo ao lugar, que em alguns casos chegou a criar revistas e jornais como fez na vila de Marabá ou provocar a elevação de algumas vilas a cidade, despertou a comunidade local e de São João do Araguaia, a criarem um movimento emancipatório. Parsondas de Carvalho, como advogado provisionado fez e levou a solicitação dos moradores de Marabá e de São João ao governo goiano.

O governo do Pará reagiu imediatamente e através da Lei nº 1.069, de 5 de junho de 1908, criou o município de São João do Araguaia. Já a comunidade de Marabá, formada em sua maioria por maranhenses da região sertaneja, que para lá migraram fugindo dos assassinatos provocados pela Guerra do Léda e à procura de melhores condições de vida, só tiveram sua solicitação aceita, ou seja, Marabá só foi elevado à condição de município em 1913, pela Lei nº 1.278, de 27 do mesmo ano. Na época Marabá era o maior produtor de “castanha do Pará” o maior produto de exportação do Estado.

Parsondas residia em Belém do Pará quando em abril de 1893 a polícia paraense invadiu a *Tribuna Operária*, “empastelando” o jornal, batendo e prendendo alguns operários e jornalistas que trabalhavam na redação. A ação policial tinha o claro intuito de intimidar os funcionários e jornalistas ligados a propaganda socialista e que preparavam as manifestações do próximo 1º de Maio.

---

<sup>8</sup> MARLETTI, Carlo. In: BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11. ed. Tradução de Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mónaco et al. Brasília,DF, 1998. p. 637.

Trabalhando como redator em um periódico concorrente o *Correio Paraense*, Parsondas de Carvalho, fez “trincheira” e de suas páginas redigiu diariamente veementes protestos contra a ação da polícia paraense. A lucidez de seus textos o transformou em inimigo da mesma. Para preservar sua integridade física foi obrigado a deixar a cidade. Partiu para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na redação do *Jornal do Brasil* ao lado de Rui Barbosa.

Em 1901, João Parsondas de Carvalho voltava ao Rio de Janeiro, para denunciar as atrocidades cometidas contra a sociedade sertaneja maranhense no governo de João Gualberto Torreão da Costa (1868-1902). Os lamentáveis e terríveis incidentes de intolerância político-partidária ocorridos no sertão maranhense, mais precisamente em Grajaú, tivera início com a Balaiada (1838-1841), quando os integrantes do partido político Bem-te-vis residentes no município de Grajaú deram guarida aos negros perseguidos pelo Estado repressor.

O que ocorria era muito mais que uma disputa política entre bem-te-vis e cabanos. Os liberais do sertão eram extremamente nacionalistas, defendiam as idéias republicanas, faziam reivindicações sociais. Durante a Balaiada, era comum a circulação de panfletos usando as expressões “pátria”, “liberdade”, “nacionais do país”, “brasileiros pobres”, “sangue brasileiro”, “governo pátrio e nacional”<sup>9</sup>.

A “guerra” declarada entre os chefes políticos locais Jeferson Nunes, representante do governo, e Leão Léda, líder oposicionista, nascido em Grajaú, avantajado fazendeiro e detentor de grande zona eleitoral, teve início com o assassinato do Promotor Público de Grajaú, Estolano Eustáquio Polary<sup>10</sup> (16 de agosto de 1898). Leão Léda foi responsabilizado pelo governo de ter premeditado e patrocinado o assassinato. O senador Benedito Leite, que em realidade comandava a política maranhense, tentava colocar a sociedade sertaneja contra Leão Léda.

Buscando aprisionar Leão Léda, o governo enviou para o sertão vários batalhões, não só de São Luís, mas também de Caxias e Barra do Corda, tal atitude do governo, obrigou Leão Léda a armar um “exército” particular com mais de cento e cinquenta homens requisitados em suas propriedades, embora em grande quantidade, eram homens sem nenhum adestramento militar.

Ao perceber a gravidade da situação, que o colocava frontalmente contra a ordem estabelecida, Leão Léda foi aconselhado por amigos e familiares a evitar o enfrentamento

---

<sup>9</sup> SANTOS, Maria Januária Vilela. *A Balaiada e a Insurreição de Escravos no Maranhão*. São Paulo: Ática, 1983. p. 50.

<sup>10</sup> Deixo claro que as várias motivações aqui encontradas para o acirramento dos ânimos em Grajaú, são opiniões dos autores aqui estudados.

com a polícia. Deveria sim, defender-se das acusações governamentais através de um advogado, dentro da lei. Para seu desencanto Leão Léda não conseguiu nenhum advogado no Maranhão que aceitasse sua causa. Sem alternativa ele e seus homens a se refugiarem do outro lado rio Tocantins, na cidade de Boa Vista, Goiás.

A notícia da “fuga” de Leão Léda deixou o contingente policial aquartelado em Barra do Corda livre para agir. Partiram para o município de Grajaú, praticando os mais bárbaros atos de violência. Tinha início por um lado, um “terrorismo de Estado” e por outro, o que podemos chamar inspirados em Eric Hobsbawm, de “banditismo social.” Leão Léda passava a ser considerado chefe de um bando criminoso pelo governo do Estado. Entretanto para a sociedade sertaneja, era um herói, vingador, homem de grande bravura, líder da libertação, homem para ser admirado, apoiado e ajudado<sup>11</sup>.

Conforme me reportei anteriormente João Parsondas de Carvalho se utilizou da imprensa para denunciar as atrocidades praticadas pelos agentes do Estado, ou não, no sertão maranhense. No senso comum, essa luta ficou conhecida como a *Guerra do Léda*. Os relatos de Parsondas de Carvalho sobre esta “guerra” foram publicados simultaneamente nos jornais *A Pacotilha*, de São Luís, e no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, entre 20 de janeiro de 1902 e 02 de fevereiro de 1903, com o título de *O Grajaú: últimos acontecimento do Maranhão no século XIX*.

No primeiro artigo publicado no *Jornal do Brasil* em 09 de janeiro de 1902, p. 2. Parsondas de Carvalho nos conta:

Saem desde algum tempo na imprensa do sul uns artigos, cheios de minuciosidade, sobre as lutas do Grajaú, com o histórico dos fatos que as motivaram e acirram ainda hoje os ódios num dos grupos daquela localidade.

Pela abundância de informações que encerram, quer em relação às coisas e quer às individualidades que nelas figuram, verifica-se serem traçados por quem **não foi testemunha** dos acontecimentos, esteve certamente no lugar ou pelo menos em contato com personagens de ambas as parcialidades políticas dali, dos quais pode pelo confronto das encrespações recíprocas, e **confirmações dos fatos**, de dizer a exatidão dos sucessos que narra<sup>12</sup>.

O historiador João Parsondas de Carvalho acreditava que a história só podia ser escrita por quem houvesse testemunhado, vivenciado os fatos, por quem tivesse no cenário dos eventos. Para Parsondas, seu relato é a mais pura “verdade” dos acontecimentos do Grajaú. Ninguém jamais poderia descrevê-los. Rica em detalhes, sua narrativa é carregada de

<sup>11</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Bandidos*. Tradução de Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1975. p. 110.

<sup>12</sup> CARVALHO, João Parsondas de. *O Grajaú: últimos acontecimento do Maranhão no século XIX*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1902. p. 2.

sentimentos favoráveis aos sertanejos, o que fica evidenciado quando afirma: “com o histórico dos fatos que as motivaram e acirram ainda hoje os ódios num dos grupos daquela localidade”.

Parsondas de Carvalho ao citar apenas um grupo como o responsável por todos os crimes faz claramente opção por uma das facções. Parsondas está narrando a “sua verdade” e quer induzir seus leitores que acreditem no que escreve. Não poupou os desmandos políticos e administrativos das autoridades maranhenses, num importante momento de nossa vida política. A transição da Monarquia/República. Era notadamente um republicano convicto.

Geógrafo que era e com a preocupação de identificar para seus leitores a geografia física da região dos acontecimentos, Parsondas de Carvalho, nomina e localiza os vilarejos, povoados, fazendas e comarcas – nas quais foram cometidas as atrocidades pelos amigos do poder. E nos convida a conhecer o território sertanejo:

Antes de apresentar o quadro dantesco, lúgubre, onde os estertores da agonia dos que morrem e os gritos de dor dos que são sangrados se confundem com o choro das crianças e as súplicas das mulheres, onde Nicolau, o desertor, se deleita nas violências contra meninas de nove anos, o soldado da polícia corta, para não acorrer outra vez, o jarrete das donzelas que tentaram fugir à lúbrica orgia e Raimundo Ema, o juiz, caça com cães os esconderijos dos que se asilam nos matos, vou conduzir o leitor ao sertão onde todas essas cenas se passaram alumiadas pelo rubro clarão do incêndio das casas.

Antecedamos a data para fazer mentalmente a abstração dos assassinos.

Será antes de 1899 a nossa viagem e não vereis ossada humana espalhada nos campos nem as pegadas sangrentas dos matadores de dezembro.

Antes da história, a geografia<sup>13</sup>.

João Parsondas de Carvalho nos remete a uma geografia do crime, fazendo questão de mostrar, um a um, os locais onde foram praticados os crimes. Conhecedor dos fatos ocorridos e do sertão maranhense, Parsondas de Carvalho, usando a metodologia da história oral, fez inúmeras entrevistas com pessoas mutiladas física e mentalmente. Ao publicá-las, expôs para o Brasil a maneira como o governo do Maranhão lidava com seus adversários políticos.

Os incêndios praticados nas roças e fazendas, os roubos de gado vacum e cavalariço, as pessoas açoitadas, assassinatos, estupros, inventários de posses de pessoas vivas, foram fatos ocorridos corriqueiramente, segundo o relato do autor somente com os correligionários de Leão Léda. Ainda segundo Parsondas de Carvalho, o fato de os sertanejos responderem; ou sim, ou não à polícia, quando indagados se Leão Léda e seus homens na fuga havia passado por “ali” era motivo para serem barbaramente assassinados.

---

<sup>13</sup> *Ibid.*, p.3.

Se respondessem *sim*, seriam correligionários e teriam ajudado o “fora da lei” a se refugiar no Estado vizinho; se respondessem *não*, estariam mentindo para a polícia e acobertando o Chefe do Bando e seus seguidores. Em ambas as respostas, os interrogados eram punidos do mesmo jeito: “Não contém menos horrores que as matanças da Armênia, nem lances menos emocionantes que a guerra da Vendéia”<sup>14</sup>.

Sua narrativa sobre a Guerra do Léda é rica em detalhes, percorreu todo o sertão por onde houve o conflito, andou léguas e léguas a cavalo, quando era informado de alguém que havia testemunhado os fatos tinha mudado de “domicílio”, ia a sua procura até encontrar. Ouvia sua história e a relatava nas páginas do *Jornal do Brasil* e da *Pacotilha*. Não raro auxiliava o sobrevivente com algum dinheiro para ajudar na compra de remédios.

Geógrafo, Parsondas descreveu com riqueza de detalhes o espaço por ele palmilhado. Enumerando e classificando os fenômenos geográficos naturais, fez um laborioso trabalho de geografia física e humana. Sempre preocupado com a correção da geografia física, certa vez em Conferência proferida na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro em 24 de dezembro de 1901, corrigiu o compêndio de Geografia das Províncias do Brasil, de Moreira Pinto, afirmando:

E já que tenho a fortuna de falar perante a veneranda corporação que tem o encargo de velar pela verdade geográfica, aproveito a ocasião pra dizer que todas essas serras demoram entre o 5° e o 6° de lat. S. e que muito errada é a posição que os mapas existentes dão à serra da Desordem, colocando-a entre o Pindaré e o Gurupi, onde não há serra alguma.

Deixando-se levar por esta falsa idéia, o Sr. Moreira Pinto, autor de um compêndio da Geografia das Províncias do Brasil, descrevendo a do Maranhão, diz que a da Desordem se eleva entre o Pindaré e o Gurupi e a Cinta entre o Grajaú e o Pindaré. E não menores são os erros da parte potamográfica. [...].

Porém, de modo nenhum diminuí o mérito do ilustre escritor. Prova somente que ele não viajou naquela terra<sup>15</sup>.

Parsondas de Carvalho e seu profundo conhecimento da região norte do Brasil o fez por diversas vezes contribuir com a correção de mapas e elaborar outros com mais precisão. Isso se torna bastante visível, na carta geográfica que fez desde Oiapoque, passando pelo litoral do estado do Pará até os sertões do Maranhão, até o rio Balsas. O trabalho foi enriquecido com um pouco da descrição dos cursos dos rios Tocantins e Araguaia.

---

<sup>14</sup> Ibid. p.3.

<sup>15</sup> Ibid. p.9.



Outra preocupação de Parsondas era com a educação, filho e irmão de professores, certa vez ao ser recebido em palácio pelo governador maranhense Alfredo da Cunha Martins (1892-1893), João Parsondas de Carvalho aconselhou-o a enviar para a localidade de Cajuapara, povoado com aproximadamente cinquenta casas e mais ou menos

uns duzentos habitantes localizado na divisa do Maranhão com o Pará; “fiscais de renda e professores alfabetizados”.

Parsondas de Carvalho foi um profundo admirador dos bandeirantes e de seus feitos, principalmente no que diz respeito ao expansionismo do território que viria a se tornar o Brasil, sobre a presença desses desbravadores na região, disse:

Todos conhecem bem a história da expansão e conquista dos paulistas no século XVIII. Aventureiros audazes, exploradores intrépidos, eles se arrojaram para oeste e para norte, transpuseram serras, vadearam rios, romperam matas e chegaram até onde termina o terreno aurífero, objeto de sua cobiça.

Enquanto a população proveniente de São Paulo localizava-se nos terrenos auríferos e fundava Natividade, Chapada, Carmo, Amaro Leite e Pilar, outra população menos arrojada, a baiana e sua descendência, avançava para noroeste, chegava às cabeceiras do Itapecuru, fundava as vilas de Pastos Bons e Riachão<sup>16</sup>.

Parsondas de Carvalho como eu disse anteriormente foi um entusiasta dos bandeirantes que por “sofrerem de nomadismo” se deslocaram por praticamente todo o território da América portuguesa, alcançaram o sertão maranhense e em reconhecimento de seus feitos e sua influência na região a Vila da Chapada por um breve período foi chamada oficialmente de São Paulo do Norte.

Vítima de malária o intelectual sertanejo faleceu aos setenta anos de idade no interior do atual município de Montes Altos, na fazenda Monte Alegre para onde havia se dirigido a fim de ensinar as primeiras letras aos filhos do proprietário, uma promessa antiga que Parsondas foi cumprir, não conseguiu. “Espero que alguém dê maior divulgação de minhas obras sobre o sertão, é a história fiel de um povo digno de melhor lugar ao sol”<sup>17</sup>. Teria dito Parsondas de Carvalho poucos dias antes de seu falecimento em julho de 1926.

Tenho me esforçado.

### **Carlota Carvalho a desbravadora das primeiras letras**

Carlota Carvalho é autora de um instigante trabalho para a compreensão do sertão maranhense em fins do século XIX e início do XX. O sertão descrito por ela não fica restrito aos contornos cartográficos oficiais do Estado do Maranhão: Carlota narra os fatos ocorridos no norte de Goiás e sul do Pará e mostra que os habitantes do sertão maranhense mantinham intensos contatos comerciais e políticos com as regiões acima mencionadas.

<sup>16</sup> CARVALHO, João Parsondas de. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*. Conferência. Rio de Janeiro, Tomo XV, 1902. p.6.

<sup>17</sup> DINO, Sálvio. *Parsondas de Carvalho: um outro olhar sobre o sertão*. Imperatriz – MA: Ética Editora, 2006. p.109.

Até o momento não conhecemos, o local exato nem o ano de nascimento da autora, mas é provável que tenha nascido na Vila de Riachão, por volta do ano de 1866. Sabe-se que seus ancestrais migraram da Bahia para a região sertaneja do Maranhão e se instalaram num pequeno povoado chamado Campo Largo, na ribeira do rio Grajaú, à época pertencente ao distrito de Pastos Bons.

Seu avô paterno, José Joaquim de Carvalho, fundou uma escola onde lecionava escrita, aritmética, latim e gramática. Seu pai, Miguel Olímpio de Carvalho, teria estudado nessa escola e adquirido o gosto pelo saber, que mais tarde transmitiria aos filhos. Por volta de 1827, teria Olímpio Carvalho se transferido com a família e os escravos para as proximidades do Porto da Chapada, atual município de Grajaú, onde fundou a fazenda São Benedito. Em Grajaú, participou de um grupo de literatos capitaneados pelo juiz de Paz da Chapada, Militão Bandeira Barros.

Carlota Carvalho cresceu “entre livros”, num ambiente que “respirava cultura” no qual se discutiam os principais acontecimentos do Maranhão do Brasil, e porque não dizer do mundo. A familiaridade com os livros, os “colóquios no recesso do lar” e o estudos feitos equivalente à antiga “Escola Normal, cursada provavelmente em Belém, deram a Carlota Carvalho uma sólida formação intelectual e uma inegável consciência crítica.

Carlota e seus irmãos Parsondas e Emídio, assim como o avô paterno, foram professores autodidatas em muitas localidades do sertão. Mais tarde, Carlota e Emídio Carvalho exerceram a profissão de professor na distante ilha de Bailique, hoje estado do Amapá, nomeados pelo Ato Provincial de 5 de janeiro de 1887<sup>18</sup>. Alguns autores<sup>19</sup> ao se reportarem ao tema, mencionam equivocadamente a ilha de Bailique como sendo o local onde Carlota Carvalho foi professora no estado do Amazonas. Em realidade as ilhas Bailique estão no atual estado do Amapá.

“Fomos os primeiros professores que o Brasil enviou à terra em que só tinha terçado armas guerreiros portugueses, holandeses e ingleses no século XVII”<sup>20</sup>. Carlota faz referência à região de fronteira entre o Brasil e as Guianas, Francesa, Holandesa e Inglesa. As agruras enfrentadas pela professora sertaneja desde as dificuldades em adaptar-se, e, até

---

<sup>18</sup> CARVALHO, Carlota. *O Sertão: Subsídios para a História e a Geografia do Brasil*. Imperatriz – MA: Ética Editora, 2000, p. 225.

<sup>19</sup> CABRAL, Maria do Socorro Coelho. *Caminhos do Gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão*. São Luís: SIOGE, 1992; DINO, Sálvio. *Parsondas de Carvalho: um novo olhar sobre o sertão*. Imperatriz – MA: Ética Editora, 2006.

<sup>20</sup> CARVALHO, Carlota. *O Sertão: Subsídios para a História e a Geografia do Brasil*. Imperatriz – MA, Ética 2000, p. 225.

mesmo a sobrevivência ficou em cheque, pois a água utilizada para beber era da chuva. Essas adversidades fizeram Carlota Carvalho retornar ao sertão maranhense.

Em abril de 1919, encontramos-la empreendendo viagem rumo ao Rio de Janeiro, levando consigo o que ela mesma denominou de “maço de papel escrito”. Assim se referiu Carlota aos originais de, *O sertão: Subsídios para a História e a Geografia do Brasil*. Sua obra mestra recebeu algumas influências, dentre elas podemos citar os apontamentos deixados pelo Major Francisco de Paula Ribeiro, e como não poderia deixar de ser, Euclides da Cunha.

Autora de um único trabalho – raríssimo, até o ano de 2000 –, Carlota Carvalho, através dele conseguiu o reconhecimento intelectual. Carlota mostra uma imensa maturidade intelectual e um vasto conhecimento de história do Brasil e do mundo, além de sólidos fundamentos de Geografia física e humana do Maranhão. Alguns poucos a repulsaram, sem nenhum indício, atribuem o trabalho ao seu irmão Parsondas Carvalho. Sobre o tema assim falou Dino<sup>21</sup>.

Há uns porquês deveras indecifráveis na vida da enigmática irmã do escritor sertanejo. Parece que zombeteiramente a esfinge nos desafia: decifra-me! Não passa de uma pseudo literata que por si só dimitologiza o mito de escritora. Com todo o respeito que se possa ter pela sua memória, não encontramos, inclusive entre pessoas que a conheceram bem de perto, qualquer referência sobre suas origens ou passagem pelo mundo das letras. Até mesmo no baú da memória oral, nada localizamos. Sempre a esfinge rindo da gente!

Ao fazer tal afirmativa, concluo que o autor não pesquisou e se o fez, não o fez com a devida atenção. Usarei o exemplar que a própria Carlota Carvalho usou para as correções, tendo em vista uma pretendida segunda edição, que só aconteceria setenta e seis anos depois. Insiro, nos anexos deste trabalho, algumas copias das páginas do livro de Carlota, com suas respectivas anotações e o texto feito de próprio punho corrigindo tópicos da primeira edição de *O sertão*.

*O sertão: Subsídios para a História e a Geografia do Brasil*. Trata da conquista e ocupação do sertão feita por vaqueiros vindos de Pernambuco e da Bahia, não deixando de mencionar a dizimação dos gentios e posteriormente descrevendo o nascimento das vilas e cidades. A autora construiu sua narrativa sobre a evolução histórica do sertão maranhense. Interpreta com uma lucidez impressionante os mais importantes acontecimentos políticos. Carlota Carvalho faz o seguinte comentário sobre a história hoje considerada regional: “por

---

<sup>21</sup> DINO, Sálvio. *Parsondas de Carvalho: um outro olhar sobre o sertão*. Imperatriz – MA: Ética Editora, 2006. p.56.

serem episódios da história nacional – fatos do Brasil lá do Norte –, talvez nenhum interesse despertem. Se se desenrolassem em São Paulo, Minas e Rio por certo teriam muito valor”<sup>22</sup>.

A Terra, O Homem, A Luta. Assim, Euclides da Cunha nos deu a conhecer sua obra, *Os Sertões*. Embora esteja no plural - *Os Sertões* – de Euclides está reduzido a Canudos, no entorno do rio Vaza Barris. Carlota Carvalho nomina sua obra no singular: *O sertão – subsídios para a História e a Geografia do Brasil*. Dividida em três partes: Morfologia, Fisiografia e Território. Numa sucessão de capítulos curtos, alguns de duas páginas, que poderiam ser subitens, Carlota Carvalho faz uma radiografia da “mesopotâmia”.

Ao se referir ao relevo do Sertão de Pastos Bons, nomina e dá a geo localização exata das serras, da Cinta, Negra, da Desordem, Chuveiro, Macapá e Pico. Detalha também o nascimento dos rios e para onde correm os cursos d’água. Com uma explicação da geografia regional conclui o segundo capítulo: “fica assim dada uma idéia verdadeira do que são as serras e bem demonstrado que nesta região não há nem pode haver cordilheira. É pura fantasia o que se vê em mapas que são cópias de cópias de orografia imaginada”<sup>23</sup>. Carlota retira a geografia da região do “imaginário” e a insere numa geografia do real.

Em geral, os acontecimentos políticos e os movimentos revoltosos no Brasil foram narrados, quase nunca interpretados pelas elites dominantes. No Maranhão não foi diferente. Uma sociedade com profundas marcas escravocratas cuja elite “vivía na ilha de São Luís de costas pra província”<sup>24</sup> e que mantinha intensas relações comerciais diretamente com Lisboa, não tinha o menor interesse pela região sertaneja, sua gente e sua história. A conquista e ocupação para fins de colonização do sertão maranhense não teve participação do Estado.

Os dois mais importantes acontecimentos do Maranhão até 1841, foram a Independência do Brasil que o Maranhão só capitulou e reconheceu em 28 de julho de 1823 e a Balaiada (1838-1841)<sup>25</sup>, tema bastante caro ao maranhense e ainda hoje pouco estudado, a Balaiada, foi narrada pela maioria dos autores como se os “balaios”<sup>26</sup> fossem uma horda de negros que feriram de morte a já combalida economia maranhense, que, morta insepulta, viria a ser definitivamente enterrada com a abolição da escravatura, em 1888.

Carlota Carvalho aborda dois temas – a capitulação – que a historiografia maranhense consagrou como “adesão” do Maranhão à Independência e a Balaiada – com um

<sup>22</sup> CARVALHO, Carlota. *O Sertão: subsídios para a História e a Geografia do Brasil*. Imperatriz – MA: Ética Editora, 2000. p. 98.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p.65.

<sup>24</sup> MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio de Azevedo: vida e obra (1857-1913)*. 2. Ed. Tradução de Claudia Poncioni. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Gramond, 2013. p.23.

<sup>25</sup> Exceção feita a Janotti (1983), Assunção (2008) e Araújo (2008).

<sup>26</sup> Como a historiografia designou os negros participantes da Balaiada.

olhar bastante crítico e bem diferenciado de seus contemporâneos. Sobre a Independência de 1823, assim se manifestou:

Quando soavam em palácio as aclamações e os vivas à Sua Majestade o Imperador, à Igreja Católica Apostólica Romana e à nação brasileira, feneciam as esperanças de um regime democrático, que não podia ser obra de sectários da doutrina oposta, e, sob a poeira dos festejos oficiais, passava, obumbrada pela desgraça, uma procissão de mártires [...] caminhando para o Esquecimento, lugar dos sinceros e abnegados, enquanto grupos de oportunistas sem fé, sem crença, e absolutistas por conveniência, preparavam-se para colher proveitos e serem deputados. Aderindo, os absolutistas conservaram as posições oficiais, o poder com que tirariam a vingança da humilhação sofrida. Os independentes ficaram na posição de oprimidos, dessa data em diante, sob o guante de um governo inimigo de manifestações liberais e sem mais ocasião de libertarem-se. É esta data, 28 de julho<sup>27</sup>, que o povo inconsciente e o Maranhão oficial comemoram como glória nacional. Nenhum outro povo conhece menos a sua história<sup>28</sup>.

A sólida formação humanista de Carlota Carvalho, à qual já nos referimos anteriormente, e as frequentes visitas à biblioteca de seu pai, confessadamente um intelectual, levou a autora a imaginar a possibilidade de “restabelecer o vivido”, sem lembrar que o vivido já estava dado. Ouvir histórias sobre a independência e a Balaiada de pessoas que vivenciaram os dois episódios deve ter levado Carlota a pensar no passado como um eterno contínuo. Ao comentar esses episódios, além de expressar sua opinião, a autora também dá voz ao seu pai, que, embora dono de escravos posicionou-se contra o domínio português e defendeu os balaios.

Sobre Luiz Alves de Lima, futuro patrono do Exército Brasileiro e duque de Caxias, “pacificador” da Balaiada afirmou: “No Rio Grande, o *pacificador* de Varsóvia, digo do Maranhão, defrontam caudilhos militares membros de um patriciado saturado de preconceitos aristocráticos e imbuído de desprezo à plebe”<sup>29</sup>. Carlota se refere às atitudes diametralmente opostas de Luiz Alves de Lima com relação às duas revoltas – a Balaiada e a Farroupilha (1835-1845). “No Maranhão, o coronel Lima defronta homens do povo – armados de foices, enxadas, facões e espingardas de caça – pedindo direitos e liberdade”<sup>30</sup>.

Os revoltosos do Maranhão ou simplesmente *balaios*, como foram chamados, eram, em sua grande maioria, escravos e camponeses que dentre outras coisas, lutavam contra a Lei dos Prefeitos<sup>31</sup> ou simplesmente a “lei do pega”. Ou seja, seus filhos e somente os seus

<sup>27</sup> É a data em que o Maranhão capitulou e passou a fazer parte do Brasil Independente, em 1822.

<sup>28</sup> CARVALHO, Carlota. *O Sertão: subsídios para a História e a Geografia do Brasil*. Imperatriz – MA: Ética Editora, 2000. p. 109.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 139-141.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 139.

<sup>31</sup> A reação centralizadora da política nacional no fim da regência criou o cargo de prefeito em 1838. No Maranhão e em outras províncias brasileiras, os prefeitos passaram então a substituir os juizes de paz no

eram compulsoriamente requisitados para servirem ao Exército, enquanto os filhos dos fazendeiros aliados dos dirigentes locais nunca eram convocados. “Homem da Corte, patricio, expoente dos privilégios de casta e de classe, o coronel Luiz Alves de Lima, representando o papel histórico do Conde de Berlasmont, teve o mesmo gesto de desprezo e a mesma palavra de desdém e escárnio: ‘Maltrapilhos!’<sup>32</sup>.

Sem saber que fazia história oral, Carlota recupera, em sua obra, muitas conversas ouvidas desde a mais tenra mocidade. Única mulher de uma família letrada tinha acesso às poucas e boas bibliotecas que existiam em Grajaú, origem de sua afinidade com a história.

No Maranhão, o presidente da província Luiz Alves de Lima tinha o *dever* de castigar servos revoltados contra o chicote e o recrutamento. Eram povo e o soberbo patricio não podia dignamente tratar com ilotas ou plebeus capitaneados por um vaqueiro enroupado nas vestes que pertenceram a Prometeu ou Espártaco<sup>33</sup>.

Carlota Carvalho faz ao seu modo uma história comparada, ao buscar em Roma e na Grécia antigas classes sociais sem nenhum direito político, econômico ou social e compara o tratamento a elas recebido com o dispensado aos balaies no Maranhão pelo “pacificador” da Balaiada. Ela não entende a repressão como sendo atitude de um Estado escravocrata que precisava, a qualquer custo, reprimir exemplarmente os revoltosos, evitando, com isso, a eclosão de mais movimentos escravos em outras províncias.

Em outro trecho, a autora tenta subestimar o poderio militar dos Balaies, quando afirma “desprovidos de máquinas de guerra, de munição e de instrução militar e sem resistência organizada”. Sabe-se que embora dispersos e sem um comando unificado, mesmo não tendo todo o poderio bélico do Exército, os Balaies conseguiram manter a revolta em grande parte do Maranhão, Piauí e Ceará entre os anos de 1838 a 1841.

Tornando evidenciadas as diferenças, Carlota Carvalho faz externar seu sentimento de nortista, (ainda não existia a categoria Nordeste), seu sentimento de sertaneja não se coaduna com o dos brasileiros do sul do país. Ela vê no tratamento desigual duas categorias de brasileiros: os brancos do sul e os negros escravos do Maranhão.

No Rio Grande do Sul, o general e barão tinha o dever de ser patriota, poupar irmãos, e só viu brasileiros. Todos eram brasileiros [...] e conveio num acordo em que os rebeldes conservaram os postos ou patentes que a si tinham dado e as posições oficiais<sup>34</sup>.

---

recrutamento de jovens para as fileiras do exército. O recrutamento compulsório servia para perseguir os inimigos políticos dos prefeitos (ASSUNÇÃO, 2008).

<sup>32</sup> CARVALHO, Carlota. *O Sertão: subsídios para a História e a Geografia do Brasil*. Imperatriz – MA: Ética Editora, 2000. p.140.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 140.

<sup>34</sup> CARVALHO, Carlota. *O Sertão: subsídios para a História e a Geografia do Brasil*. Imperatriz – MA: Ética Editora, 2000. p. 140.

Mais uma vez Carlota Carvalho se utiliza da história comparada. “Ingenuamente” cobrava o mesmo tratamento que o Império brasileiro deu aos revoltos da Revolução Farroupilha. Era outro o contexto político. Aqui no Maranhão a revolta era de africanos e afrodescendentes escravizados. O governo jamais permitiria que negros tornados escravos se rebelassem contra a ordem estabelecida? Conforme nos diz Carlota Carvalho<sup>35</sup>.

No Maranhão, o presidente da província Luiz Alves de Lima não viu brasileiros com quem tratasse, ouvisse suas reclamações e com eles firmasse acordo, conservando-lhes as patentes e posições oficiais ou, ao menos, assegurando-lhes as garantias constitucionais, vida e liberdade que eram tudo quanto pediam.

A Balaiada aconteceu meio século antes da abolição da escravatura. A mentalidade prevalecente da época era de considerar o escravo africano como a única possibilidade de mão de obra barata. Ao afirmar que o presidente da província não viu no Maranhão “brasileiros”, Carlota vislumbra um sentimento de brasilidade que, naquele momento, ainda não era tão importante. O Estado do Maranhão e o Estado brasileiro tinham por objetivo acabar com a revolta.

Carlota Carvalho não conseguiu compreender que uma revolta de negros escravizados no Brasil imperial não seria tratada da mesma forma que uma revolta de chefes políticos brancos no sul do Império. O poder político dos líderes da rebelião Farroupilha não poderia ser comparado ao poder dos rebeldes balaios maranhenses. Uma coisa é a insurgência de escravos negros contra seus proprietários e outra bem diferente é a possibilidade de separação de uma província do Império.

“Executor da lei?... Que lei autorizava os comandantes militares a matarem os prisioneiros no suplicio dos açoites?”<sup>36</sup>. Carlota não vê negros rebelados no Maranhão, e sim cidadãos que lutam por igualdade de condições numa sociedade escravocrata. A elite maranhense exigiu do governo central a rendição dos rebelados e ofereceu condições para tal, pois sua economia encolheu visivelmente durante os anos do conflito.

“Reinou a ordem em Varsóvia. Do território do Maranhão haviam-se evaporado todas as idéias de liberdade e de integridade moral”<sup>37</sup>. Carlota é realista com o “pacificador” do Maranhão e futuro patrono do Exército Nacional. Após ter acordado com os rebeldes que depusessem armas, prendeu e humilhou Negro Cosme ou Dom Cosme Bento das Chagas ou ainda, o “Tutor e Imperador da Liberdade”, fazendo-o ir a pé, e em ferros, de Aldeias Altas a

---

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 141.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 141.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 141.

São Luís. Negro Cosme, à frente de mais de três mil negros, foi protagonista de importante período da história do Brasil Imperial.

Ainda sobre a Balaiada Carlota Carvalho disse que no Maranhão ficou:

A ossada descarnada pelos urubus para escarnamento de utopistas niveladores e rebeldes. A obediência passiva de governados que não protestam. Chefes que ensinam essa obediência como dever cívico. Gestos tirânicos do Poder punindo os infratores desse dever. Direito consuetudinário pelo qual os bens dos rebeldes pertencem aos legais, reavivado em 1899. Não podia ser mais edificante a obra do pacificador<sup>38</sup>.

Historiadora dos principais acontecimentos do Maranhão no século XIX. Através da oralidade, soube da independência do Maranhão (1823) e da Balaiada (1838-1841). Assistiu no sertão do Maranhão aos desdobramentos da Abolição (1888) e da República (1889). Ela percebeu a permanência dos costumes políticos e com certeza se desencantou com o Maranhão do seu tempo, tão igual nas práticas políticas, econômicas e sociais ao Maranhão de seu avô. Assim, a autora encerra a primeira parte de sua obra.

A segunda parte da obra *O sertão*, intitulada *Descrições locais e história*, Carlota Carvalho é menos interpretativa e mais narrativa, concentrando seus esforços na descrição do nascimento das vilas e posteriormente das cidades da região sul do Maranhão, do sul do Pará e do norte de Goiás, indo até a foz do Amazonas.

Entretanto, um fato chama bastante atenção e é merecedor de um estudo à parte. Sem entrar em detalhes, Carlota Carvalho noticia que, na vila de Boa Vista, no norte de Goiás, divisa com o Maranhão, frei Francisco do Monte de São Victor chegou em 1840 com a missão de catequizar os índios apinagé. Boa Vista contava com escolas de bom nível para a época e ensinava meninos e meninas. O frei fechou as escolas, proibiu a leitura de livros, por serem considerados heréticos, queimou a biblioteca de um homem conhecido por Braga e depois o próprio homem foi incinerado numa fogueira na frente da igreja. O ensino passou a ser auricularno pátio da igreja, contemplando somente ensinamentos de religião, ministrado pelo sacristão Simplício ou pela beata Joana<sup>39</sup>.

Carlota aborda temas como a educação colonial, que não legava ao povo uma consciência crítica. Trata também da inaptidão dos governantes, que poderiam, com pequenas obras, transformar o curso dos rios em hidrovias. Menciona ainda a despolitização do povo, que não fiscalizava o gasto do dinheiro público, brado esse que se faz ouvir ainda em nossos dias.

---

<sup>38</sup> Ibid., p. 141.

<sup>39</sup> Ibid., p.88.

Carlota utilizou a terceira parte da obra para narrar sua viagem (1919) de São Luís ao Rio de Janeiro, tecendo comparações, a princípio, entre o sertão e o litoral. Depois, à medida que o paquete Acre vai se aproximando do sudeste brasileiro, as comparações deixam de ser entre o litoral e o sertão e passam a ser entre o sul e o norte do Brasil. No que ela intitulou *Notas de viagem*, Carlota vai descrevendo Estado por Estado, suas impressões da costa e do que é possível avistar do navio que a conduzia.

Carlota Carvalho olhando à distância comete os equívocos que ela tanto criticou na primeira parte de *O sertão*, quando afirma que alguns autores “fazem as serras andarem ao sabor de um simples lápis”.